

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E PENTECOSTALISMO EVANGÉLICO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Ari Pedro Oro¹

Daniel Alves²

Resumo: Em que pese a complexidade interna do carismatismo católico e do pentecostalismo evangélico, observamos certos pontos de proximidade e distanciamento entre estas duas expressões religiosas, em termos simbólicos, doutrinários e de articulação com produção musical para o consumo de massa. Através de entrevistas e observações de campo, analisamos essas convergências e divergências, e concluímos apontando para o fato de que observadores contemporâneos, no curso de transformações profundas, podem não se dar conta das crescentes porosidades e proximidades entre esses grupos.

Palavras-chave: Renovação Carismática Católica; Pentecostalismo; Ecumenismo; Consumo.

Abstract: Despite the internal complexity of the Catholic Charismatic and Evangelical Pentecostalism, we observe certain points of proximity and distance between these two religious expressions in symbolic and doctrinaire terms, and their articulation with music production for mass consumption. Through interviews and field observations, we analyze these convergences and divergences, and concluded by pointing to the fact that contemporary observers in the course of profound transformations may not realize the increasing porosities and proximities between these groups.

¹ Professor do Departamento de Antropologia da UFRGS. Este texto foi originalmente apresentado por Ari Pedro Oro no Seminário Internacional “Transformações religiosas no mundo contemporâneo”, na PUC-Campinas, em 29 de agosto de 2012.

² Professor do Instituto de História e Ciências Humanas da UFG-Regional Catalão. Coordenador de projeto de pesquisa intitulado “Religião e consumo: análise da circulação e consumo de bens religiosamente marcados na microrregião de Catalão-GO”, aprovado e financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - Edital Universal 2014).

Keywords: Catholic Charismatic Renewal; Pentecostalism; Ecumenism; Consumption.

INTRODUÇÃO

Algumas análises acerca da Renovação Carismática Católica (RCC) produzidas nas últimas décadas tem destacado o seu duplo viés: para dentro da instituição, um movimento de promoção de “refiliação” religiosa (TEIXEIRA, 2009) e até mesmo de enfrentamento dos setores progressistas, como a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (PIERUCCI E PRANDI, 1996); e, para fora do catolicismo, um movimento capaz de reduzir o avanço do pentecostalismo evangélico, uma vez que a constatação sociológica mostrava que parcela significativa dos novos chegados a este segmento religioso provinham do catolicismo (MARIZ E MACHADO, 1994; ORO, 1996; MACHADO, 1996; PIERUCCI E PRANDI, 1996; PRANDI, 1997; CARRANZA, 2009; GABRIEL, 2010).

Neste texto discorreremos sobre este último aspecto analisando as relações entre a RCC e o pentecostalismo, em termos de suas identidades relacionadas a doutrinas, teologias práticas e simbolismos³. Histórica e atualmente elas oscilam entre divergências e convergências. Enquanto as primeiras procuram erguer barreiras para fixar fronteiras entre ambos, as segundas, as convergências, apontam para aproximações e a construção de espaços consensuais e de práticas ecumênicas operadas entre ambas as expressões religiosas. Embora essa situação tensional persista, parece evidente que a RCC constitui a expressão católica mais próxima do pentecostalismo.

Os elementos que sustentam esta análise provem da literatura produzida sobre ambos os movimentos religiosos e, especialmente, de entrevistas realizadas com líderes e membros de ambos os grupos, no âmbito do projeto *Pentecostal Charismatic Research Initiative*, PCRI, coordenado por Paul

³ Sobre a relação entre RCC e Teologia da Libertação ver, por exemplo, Benedetti, 2000; Teixeira 1991 e Carranza, 2009.

Freston⁴. Também nos reportaremos, mais ao final do texto, a reflexões provenientes de pesquisa conduzida por Daniel Alves sobre bens de consumo com marcação religiosa. Faremos especial menção ao mercado fonográfico, onde as fronteiras simbólicas e teológicas entre pentecostalismo e carisma-tismo católico encontram-se num terreno relativamente externo ao campo de produção dos bens simbólicos de salvação, respondendo a demandas propriamente “de mercado”.

De saída, porém, impõe-se esta observação: Pentecostalismo e Renovação Carismática Católica constituem-se como movimentos religiosos complexos, amplos e multifacetados. Constituem, segundo a expressão de Faustino Teixeira (2009), “imensos guarda-chuvas”, com ampla heterogeneidade e diversidade internas, como apontaram também outros autores, entre eles Steil (2004), Mariz (2005) e Carranza e Mariz (2009) relativamente à RCC e Freston (1994) e Mafra (2001) concernente ao pentecostalismo. Portanto, quando nos referimos a cada um dos termos, tomamo-los no seu sentido amplo.

Iniciamos, portanto, discorrendo sobre as confluências e as aproximações existentes entre ambos os movimentos religiosos para, em seguida, explorar

⁴ Neste texto trabalhamos com 12 entrevistas feitas em Porto Alegre junto a líderes de igrejas pentecostais e renovadas; e 12 entrevistas realizadas com membros da RCC, 6 em Porto Alegre e 6 no estado de São Paulo. Parte significativa dos dados utilizados aqui apresentados diz respeito ao referido projeto, do qual Ari Pedro Oro participou durante os anos de 2010 e 2012.

As entrevistas de São Paulo foram realizadas por Brenda Carranza, a saber: com Reinaldo Beserra Reis (membro fundador da RCC no Brasil, ex-presidente da RCC no Brasil, entrevistado em 30/8/2011); com Marcos Volcan (atual Coordenador Nacional da RCC, entrevistado em 17/9/2011); com Beatriz Vargas (Secretária Nacional da RCC, entrevistada em 17/7/2011); com Padre Marcial Mçaneiro (membro da International Commission for Catholic Pentecostal Dialogue, entrevistado em 10/12/2011); com Padre Elias Wolff (assessor da comissão episcopal para ecumenismo e o diálogo inter-religioso, entrevistado em 25/10/2011) e com Pe. Alberto Gambarini (pregador oficial da RCC, entrevistado em 17/9/2011).

Registre-se que, neste texto, toda vez que forem apresentados depoimentos destes líderes, eles foram extraídos das entrevistas referidas.

as diferenças e divergências. Não é nossa intenção apresentar o repertório completo dos consensos e dissensos, mas tão somente os mais significativos, segundo o que consta na literatura e o que foi colhido nas pesquisas a que nos referimos anteriormente.

PENTECOSTALISMO E RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA: CONVERGÊNCIAS E ENCONTROS

Alguns autores têm destacado a existência de vários pontos de convergência entre a RCC e o pentecostalismo. Assim, para Sofiati, ambos

buscam recuperar a tradição das primeiras comunidades cristãs, enfatizando o evento de “Pentecostes” relatado no Novo Testamento, em “Atos dos Apóstolos”. Por isso o terceiro elemento da Trindade Santa, o Espírito Santo, é colocado em evidência (SOFIATI, 2011, p. 107).

Brenda Carranza (2009, p. 50-51) considera ambas as expressões religiosas, assim como as Novas comunidades religiosas, enquanto comunidades emocionais intermediárias de sentido. Ou seja, nelas o epicentro é orientado pela emoção; constituem-se como instituições que fazem a ponte entre o indivíduo e a sociedade, e se mostram capazes de assegurar sentido para a existência.

Por seu turno, Cecília Mariz e M. das Dores Machado observam a existência, em ambos os movimentos, da experiência subjetiva da conversão; da auto-atribuição de uma missão; da noção de identidade religiosa adquirida e não herdada; da ênfase na escolha religiosa individual; da atribuição de poder ao leigo, relegando para segundo plano a mediação eclesial; da prática religiosa emocional; do compromisso e comportamento ascético; do uso de termos comuns, como orar e louvar; e da construção de uma “demonização” do espiritismo e das religiões afro-brasileiras. O discurso sobre a demonização e o moralismo individual aumenta nos grupos de oração das camadas menos favorecidas aproximando ainda mais a RCC dos pentecostais (MARIZ; MACHADO, 1994).

R. Prandi sublinha que tanto a RCC quanto o pentecostalismo “mantém a cura no centro da prática religiosa”. Destaca, também, que “não há grande distinção entre os problemas que são levados à Renovação Carismática ou às igrejas pentecostais de cura divina” (PRANDI, 1997, p. 124-125).

F. Sofiati sublinha outro aspecto constante em ambos os movimentos religiosos. Ainda que seja possível reconhecer aqui e ali pautas políticas e posicionamentos morais de cunho não corporativista e liberal, eles se mostram interessados em atuarem no político institucional para ali combaterem os projetos de leis que

segundo seus ideais religiosos são contrários aos preceitos divinos, como a descriminalização do aborto e o casamento entre homossexuais. Por isso, o(s) movimento(s) tem trabalhado intensamente no combate ao aborto e na defesa de que a homossexualidade é uma doença que precisa ser curada (SOFIATI, 2011, p. 149).

Além do que vem de ser dito, destacamos ainda ser significativa na atualidade, em ambos os segmentos religiosos, a sua presença nos meios de comunicação televisivos e radiofônicos, além da internet⁵ – e o fazem na perspectiva competitiva, concorrencial e proselitista – bem como a promoção de mega-eventos que contam com animadores, pregadores e cantores renomados, onde se destacam momentos de louvor e de oração com forte apelo emocional.

⁵ Para Carranza (2009, p. 43), a RCC inaugurou, com os chamados padres-cantores, uma nova fase na igreja: o catolicismo mediático. Os mega-shows produzidos pelos referidos padres, porém, são recolhidos a unanimidade na cúpula da RCC. O então Coordenador Nacional, por exemplo, Marcos Volcan, em entrevista concedida a Brenda Carranza, afirmou: “a pergunta se faz: as pessoas estão indo por causa do músico? Por causa da banda? Quais os resultados? Para nós é muito prático, nós olhamos para os nossos grupos de oração no dia seguinte ao evento, e nós vemos que a adesão à Igreja, a adesão aos grupos de oração, a adesão a uma vida mais comprometida, ela é praticamente efêmera”.

Mas não são somente os analistas externos aos grupos religiosos que destacam a existência de convergências. Elas também são evidenciadas nos posicionamentos oficiais e em pronunciamentos de líderes católicos e evangélicos.

Assim, chama a atenção que o próprio documento sobre a Renovação Carismática Católica, coordenado pelo Cardeal Suenens⁶, em 1974, reconhece a influência evangélica na RCC. Nele pode-se ler, por exemplo: “a Renovação Católica, em grande parte, tomou consciência desses dons através de movimentos de renovação fora da Igreja Romana”. Mais adiante afirma o seguinte:

É evidente que a Renovação Carismática é uma relevante força ecumênica e é de fato ecumênica por sua natureza. Numerosos *protestantes neo-pentecostais e pentecostais clássicos* compartilham uma experiência semelhante e, a partir daí, se reúnem com os católicos para dar testemunho das coisas que o Espírito está fazendo em outras igrejas” (grifo nosso).

Enfim, o documento reconhece que “a renovação manifestada entre nossos irmãos protestantes é um movimento autêntico do Espírito Santo” (1994, p. 59-60).

Antes disso, em alguns documentos produzidos no Concílio Vaticano II (entre 1962 e 1965, especialmente *Unitatis Redintegratio, Nostra Aetate, Ecclesiam Suam, Ad Gentes e Lumen Gentium*), afirma-se, por um lado, a necessidade da Igreja manter uma relação ecumênica com as outras religiões, e, por outro lado, destaca-se a dimensão carismática da Igreja, renovada perpetuamente pelo sopro do Espírito Santo e seus carismas⁷.

⁶ Trata-se do documento intitulado “Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica”, produzido a partir da iniciativa do cardeal belga Leon Joseph Suenens que, em maio de 1974, reuniu em Malines, Bélgica, uma equipe internacional de teólogos e dirigentes leigos para tratar do tema.

⁷ Reinaldo Reis, coordenador da Renovação Carismática Católica do Estado de São Paulo, escreve que nos documentos do Concílio Vaticano II são feitas 258 menções à Pessoa do Espírito Santo, “algo inédito na história dos Concílios” (2010, p. 29). Benedetti (2009) recorda a apropriação desorganizada dos discursos oficiais da hierarquia católica por parte

Ainda, neste sentido, na alta esfera católica foi fundada, em 1972, no Vaticano, o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos⁸, que conta com a participação de católicos, vários deles da RCC, além de membros de Igrejas pentecostais e do movimento carismático das Igrejas protestantes históricas e da Igreja Anglicana. Desde a sua fundação, esta organização tem firmado pautas comuns a serem cumpridas em ciclos de cinco anos de duração (CNBB, 2003).

Do lado evangélico, H. Wyncarczyk sublinha que a atual vertente mais importante visando a superação das diferenças com o catolicismo resultaram das reflexões do teólogo norte-americano Peter Wagner, contidas na idéia da “New Apostolic Reformation” (WYNARCZYK, 2009, p. 152). Esta anuncia a passagem do modelo denominacional para o pós-denominacional, acompanhada da idéia segundo a qual nas últimas décadas o Espírito Santo restabeleceu o ministério dos profetas e dos apóstolos “em contraste com o sistema de governo das congregações baseado na assembléia democrática de constituintes” (Id. Ibid., p. 95).

Resulta desta perspectiva a abertura para a superação das diferenças denominacionais, não somente no interior do campo evangélico, mas também em relação à igreja católica. Esta noção recebeu forte acolhida na Argentina, onde importantes líderes evangélicos expressaram a necessidade de aproximação, e não mais de enfrentamentos, entre evangélicos e Igreja Católica⁹. No Brasil, várias lideranças da RCC também se expressaram

dos diversos movimentos presentes no seu interior. Um exemplo disso nos é recordado por Sofiati, relativo ao Documento Final de Aparecida (2007), da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, o qual “é reivindicado tanto pela RCC como pela Teologia da Libertação” (SOFIATI, 2011, p. 141).

⁸ Apud Maçaneiro (2008, p. 22); ver também a página da Santa Sé para o diálogo católico-pentecostal. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/sub-index/index_pentecostals.htm>. Acesso em: 06 abr. 2011.

⁹ Ruben Proietti, pastor batista, é muito próximo do famoso pregador argentino radicado nos Estados Unidos Luis Palau, o qual, por sua vez, é próximo de Billy Graham. Todos os eventos em que Palau participa na América Latina são organizados por Proietti, que

sobre as convergências existentes com o pentecostalismo evangélico. Por exemplo, Gerson Santos, ex-coordenador da RCC em Porto Alegre, elenca as seguintes semelhanças entre a RCC e o pentecostalismo: a forma de manifestação da fé, o culto ao Espírito Santo, a manifestação dos carismas através da oração, a glossolalia, a cura através dos conselheiros espirituais e a valorização da música¹⁰.

Por seu turno, Reinaldo Reis, ex-presidente nacional da RCC, enfatiza o que chama de “verdades aceitas por todos”: “a encarnação de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição, a validade do batismo como ponto de iniciação da vida cristã”.

Marcial Maçaneiro elenca várias características comuns a católicos e pentecostais:

ênfase no discipulado pessoal, manifesto pela busca de santidade moral e oração assídua; uso da Bíblia como fonte de oração e matriz da linguagem; cristocentrismo na pregação e nos testemunhos; prática do louvor e da adoração comum; percepção da Igreja como comunidade dos remidos, em linha profé-

afirmou em entrevista que: “empezamos un acercamiento interesante con la Iglesia católica, e con gente de primer nivel. Yo soy amigo del cardenal (de Buenos Aires). El objetivo evangélico no es sacar fieles a la iglesia católica; nosotros respetamos a todos; somos todos cristianos”. Por seu turno, o renomado pregador Carlos Anacondia, fundador da “Misión Cristiana Mensaje de Salvación”, defende a idéia de que o Espírito Santo consiste na figura capaz de aproximar católicos e evangélicos. Segundo as suas palavras: “a unidade da Igreja só é possível através do Espírito Santo”. Enfim, o pastor Jorge Himitian, de origem palestina e que chegou na Argentina com seus pais quando tinha sete anos, é um dos fundadores da igreja pentecostal Comunidad Cristiana, de Buenos Aires. O pastor Himitian destacou a experiência carismática comum do Batismo no Espírito Santo como aquela que junta cristãos de todo o mundo: evangélicos de todas as denominações, ortodoxos e católicos. As declarações dos três pastores argentinos foram colhidas em setembro de 2009, em Buenos Aires, por Daniel Alves, então doutorando do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da UFRGS.

¹⁰ Conforme entrevista concedida a Joana Morato, estudante de Ciências Sociais da UFRGS, em outubro de 2009.

tico-escatológica; valorização dos ministérios laicais; exercício grupal dos carismas com liberdade de expressão; valorização das “obras de misericórdia” com diaconia social; cultivo de uma espiritualidade pentecostal que valoriza os carismas, a alegria, o culto comunitário; valorização dos ministérios ordenados (apesar de diferentes teologias); presença de mulheres; métodos participativos de discernimento e deliberação; cultivo de vínculos interpessoais; alguns partilham uma visão transversal do pentecostalismo (graça trans-denominacional).

Enfim, líderes pentecostais apontaram compartilhar com os carismáticos o mesmo entendimento da importância dos dons do Espírito Santo e o rigorismo dos preceitos de ordem moral que condena a prática sexual antes do casamento, o homossexualismo, o adultério, o divórcio e o aborto.

A estas alturas é importante assinalar que as convergências observadas pelos membros de ambas as expressões religiosas cristãs, especialmente por parte das suas lideranças, não ficaram somente ao nível do discurso. A partir da década de 1960, congressos e encontros ecumênicos foram realizados em Jerusalém, Singapura, Malásia, Itália, Estados Unidos, Alemanha, Chile, Argentina e Brasil¹¹.

¹¹ No Brasil merece destaque o Simpósio latino-americano sobre Pentecostalismo, ocorrido em São Paulo, de 20 a 24 de setembro de 2005, promovido pelo Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, em colaboração com o CELAM e a CNBB. Como dissemos em outro lugar (Oro e Alves, 2013): “É na Itália, especialmente em Bari e Roma, que nos últimos anos o movimento reunindo pentecostais e carismáticos católicos parece ser mais fecundo, devido, principalmente, a mobilização do leigo católico Matteo Calisi – presidente da Fraternidade Internacional de Comunidades Carismáticas Católicas – e do pastor Giovanni Traetino – presidente da Apostolic Fellowship International (AFI). Ambos têm se dedicado ao “ministério da reconciliação”, promovendo contatos e encontros entre líderes de diferentes comunidades cristãs do mundo. Apostolic Fellowship International é uma organização que reúne diversas comunidades carismáticas evangélicas e igrejas ao redor do mundo, com fundamentos nos preceitos de discipulado firmados ao longo da década de 1960 e 1970. A Fraternidade Internacional de Comunidades Carismáticas Católicas, segundo Thomas Csordas (2009, p. 74-75), configura-se atualmente como uma das redes mais influentes de comunidades carismáticas ao longo da RCC internacional. Para Csordas, essa rede poderia ser comparada com outra mais

Em tais encontros ecumênicos, afirma Marcial Maçaneiro (em entrevista já referida), enfatiza-se “a reconciliação, a partilha de carismas, o exercício espiritual do ministério e a adoração conjunta – do que os temas teológico-doutriniais”.

Entre as principais “plataformas fraternas” de encontro entre católicos e pentecostais, Marcial Maçaneiro (em entrevista, já referida) menciona a *Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships* (Fraternidade Internacional de Comunidades Carismáticas Católicas), presidida pelo leigo católico italiano Matteo Calisi e vinculada oficialmente ao Pontifício Conselho para os Leigos.

Na América Latina, a Argentina parece ser um país importante na prática ecumênica entre católicos carismáticos e evangélicos. Como mostramos em outro lugar (Oro e Alves, 2012), o movimento na Argentina teve como um dos principais protagonistas o pastor Jorge Himitian, da igreja pentecostal *Comunidad Cristiana*, de Buenos Aires, filiado à *Apostolic Fellowship International*. Ainda conforme aquele artigo, e por meio da atuação de Himitian, de outros líderes evangélicos e de autoridades eclesiais católicas (dentre os quais Jorge María Bergoglio, hoje Papa Francisco), organizaram-se na Argentina eventos comuns entre pentecostais e carismáticos.

Focando agora a situação do Brasil, vários testemunhos dão conta de um ecumenismo existente entre a RCC e o pentecostalismo evangélico, inicialmente na apropriação da RCC nascente da literatura e da música evangélica e mais tarde em práticas ecumênicas, como os encontros anuais promovidos pela organização chamada ENCRISTUS (Encontro de Cristãos na Busca de Santidade e Unidade).¹² Tais encontros sempre contaram

antiga, denominada Espada do Espírito (The Sword of Spirit), pelo seu exclusivismo católico. Contudo, a associação entre católicos e carismáticos, nas figuras dos italianos Calisi e Traetino, evidencia o potencial da Fraternidade em estabelecer conexões com o mundo pentecostal, consolidadas em grupos de diálogo interreligioso que promovem eventos conjuntos na Itália e, mais recentemente, na América Latina”.

¹² Esclarece este informante que esta organização surgiu em 2008, por uma equipe inicialmente formada por 12 membros (6 católicos, 6 evangélicos).

com a participação de membros e acessores da CNBB e de representantes e membros de várias denominações evangélicas, históricas e pentecostais.

Porém, se, por um lado, pode-se apontar um conjunto de convergências entre ambas as expressões religiosas cristãs, por outro lado, pode-se também exaltar divergências e oposições entre elas.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA E PENTECOSTALISMO: DIVERGÊNCIAS

Inicialmente, é importante destacar que já na década de 1960 a expansão do pentecostalismo evangélico no Brasil e na América Latina foi interpretada, em certos meios católicos, numa chave de disputa religiosa, uma vez que a constatação sociológica apontava para o fato de que parte significativa da membresia pentecostal era composta de ex-católicos, mesmo que nominais. Diante disso, a posição de parte da hierarquia católica, sobretudo no período anterior ao Concílio Vaticano II, mas também após este conclave – apesar dos documentos dele emanados que preconizavam o diálogo com outras religiões e reconheciam a não reivindicação exclusiva do monopólio religioso – foi encaminhada no sentido de desqualificar o pentecostalismo, especialmente as igrejas da terceira onda (FRESTON, 1994),¹³ chamadas geralmente de “seitas”, que deveriam ser combatidas.

Ora, a RCC, praticamente desde o seu início – apesar de exercer “um ‘papel ambivalente’ no interior da Igreja Católica”, como sustenta Faustino Teixeira¹⁴, levando a instituição oficial a oscilar “entre o incentivo e o temor” (TEIXEIRA, 2009, p. 25), “entre o apoio de uns e a resistência de outros”

¹³ A metáfora das “três ondas” do avanço pentecostal no Brasil, cunhada por Freston (1994) e revista por Mariano (1999), tornou-se referência dos estudos sobre o tema e merece certamente uma discussão contínua sobre sua pertinência e seus limites. Ver, para tanto, por exemplo, Alves (2011).

¹⁴ O “papel ambivalente” é assim explicado por Teixeira: “De um lado, insere-se numa estratégia de clara afirmação identitária e de zelo pela doutrina católica tradicional: de

(CARRANZA, 2000, p. 132)¹⁵ – também foi conduzida a se inserir dentro desse clima de competição religiosa. Assim, ela viria a constituir ao mesmo tempo um “muro de contenção da avalanche pentecostal”, nas palavras de Brenda Carranza (2009, p. 48), e um espaço de potencialização do “engajamento dos católicos” (ALMEIDA; RUMSTAIN, 2009, p. 53), passível de facilitar a “refiliação” religiosa, segundo Teixeira (2009, p. 24); a “readesão”, de acordo com Pierucci e Prandi (1966); a “volta na porta giratória”, como afirma Steil (2004); ou, enfim, a “volta dos que ainda não foram”, como define Almeida e Rumstain (2009, p. 54).

De fato, a re-catolicização dos católicos nominais constituiu, segundo Reinaldo Beserra Reis, uma preocupação da RCC desde a sua origem, figurando nos seus Estatutos como um dos seus cinco objetivos (Entrevista concedida a B. Carranza).

Porém, para isto acontecer a hierarquia Católica teve que “enquadrar” a RCC, como diz Luiz Roberto Benedetti (2009, p. 27)¹⁶, uma vez que em seu início, como mostra Csordas (2001), para a situação norte-americana e Carranza (2000), para o caso brasileiro, era forte no meio carismático católico a fluidez ecumênica, ou seja, a aproximação ao pentecostalismo protestante. Por isso mesmo, as “orientações” teológicas e pastorais promovidas pela instituição oficial, em documentos emitidos em 1974 e em 1994,¹⁷

outro, favorece uma dinâmica espiritual que acaba incidindo numa perspectiva de autonomização e transversalidade com respeito ao catolicismo oficial” (Teixeira, 2009, p. 24).

¹⁵ Carranza (2000, p. 129 e ss) retrata detalhadamente as relações estabelecidas entre a CNBB e a RCC e assume a posição de que elas sempre foram marcadas por paradoxos e tensoes.

¹⁶ Segundo este autor, ao mesmo tempo em que a Igreja Católica “enquadra” os novos grupos religiosos, entre os quais a RCC e as CEBS, ela também contribui para a continuação de sua existência (Benedetti, 2009, p. 18).

¹⁷ Trata-se dos documentos *Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica*, produzido pelo cardeal belga Leon Joseph Suenens em 1974, e de *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, elaborado pela CNBB, em 1994.

possuíam como objetivo subjacente impedir que a RCC se tornasse um movimento religioso à margem da Igreja Católica e que ela se aproximasse demais do pentecostalismo, especialmente com a prática da glossolalia e com o chamado “repouso no Espírito”.

Diga-se de passagem que, segundo os membros da RCC entrevistados em Porto Alegre, estes dois tópicos – a glossolalia e o repouso no Espírito – continuam a suscitar críticas por parte dos demais católicos, leigos e sacerdotes. Assim, por exemplo, Gustavo Madalena Brum, coordenador do Ministério de Formação da RCC da capital gaúcha, afirma: “O preconceito começa dentro da própria igreja. Sempre vem aquela questão, ‘porque vocês falam em línguas’, ‘porque o pessoal desmaia nos grupos de oração’.” (Entrevista realizada em 15/12/2011).

Mas, para demarcar claramente a distinção do pentecostalismo, a hierarquia católica fixou outras recomendações aos carismáticos: a sua participação nos sacramentos, o reconhecimento da autoridade papal e a devoção à Virgem Maria. Além disso, desde o início do reavivamento, a Igreja Católica, e em parte também a igreja latino-americana, procurou demarcar o distanciamento dos evangélicos substituindo a palavra “pentecostal” por carismático, resultando daí o nome de Renovação Carismática Católica e não Pentecostalismo Católico, nomenclatura bastante usada, por exemplo, nos Estados Unidos (SOFIATI, 2011, p. 137; CARRANZA, 2000, p. 35). Para Carranza (Id. *Ibid.*), esta mudança de nome não constitui somente uma questão semântica:

Ela pode ser lida como o início do distanciamento da “abetura ecumênica” que a RCC desejava adotar e que o Pe. Haroldo tinha feito questão de enfatizar em 1972 como uma das vantagens, entre doze, que a RCC tinha trazido para a igreja Católica do Brasil.

No dizer de Brenda Carranza (2009, p. 37), este último documento, produzido pela CNBB após vinte anos de existência da RCC no Brasil, constitui a “carta de alforria” de parte da instituição oficial.

Mas, entre todos os marcos de fronteira simbólica fixados pela hierarquia e/ou pelo próprio avivamento católico destaca-se a devoção mariana. Como salientaram Cecília Mariz e Maria das Dores Machado, ela constitui “o divisor de águas, a fronteira” (MARIZ; MACHADO, 1994, p. 30). Maria das Dores Machado reitera que a devoção a Nossa Senhora é central para “demarcar as fronteiras entre catolicismo e pentecostalismo e em certa medida reforçar a identidade religiosa católica dos carismáticos” (MACHADO, 1996, p. 48). Na mesma direção, Prandi sustenta que “Maria é uma fronteira intransponível entre dois territórios que, de outro modo, poderiam ser um só” (PRANDI, 1997, p. 141).

O tema de Maria é tão importante na RCC que certos analistas têm observado uma relação entre aparições marianas e RCC. Segundo Carlos Alberto Steil, por exemplo, ambos os fatos “estão de tal forma imbricados que dificilmente se compreende o desenvolvimento de um sem fazer referência ao outro” (STEIL, 2001, p. 118). Acrescenta ainda este autor que “quando observamos os carismáticos nos contextos das aparições, vemos que eles colocam sua própria estrutura a serviço da divulgação destes eventos, geralmente competindo com a estrutura eclesial das paróquias e dioceses” (Id. *Ibid.*, p. 124).

Semelhante relação entre a franja católica carismática e as aparições marianas foi destacada em diversos relatos etnográficos de aparições verificadas no Brasil e constantes no livro “Maria entre os vivos” (STEIL; MARIZ; REESINK, 2003).

Reinaldo Reis, em entrevista concedida a B. Carranza, reconhece, um tanto ironicamente, que “o medo que também alguns tinham de que nós fôssemos nos protestantizar, nos levou a que? A nos tornarmos mais marianos do que os marianos eucarísticos”.

De fato, as entrevistas realizadas em Porto Alegre junto a membros da RCC confirmam que a devoção mariana constitui não somente a principal baliza demarcatória da separação dos carismáticos em relação aos pentecostais como, também, a principal plataforma de críticas que os carismáticos endereçam aos evangélicos em geral e aos pentecostais em particular.

Por exemplo, Basílisia Catarina de Souza, conselheira da RCC de Porto Alegre, manifestou estupefação (entrevistada em 19/1/2012) pelo fato dos evangélicos deixarem Maria de lado. Especialmente, diz ela, quando se sabe que “eles conhecem muito a bíblia, eles citam a bíblia, que tem momentos e passagens bíblicas que tá na cara o papel de Nossa Senhora. Então não sei como acontece isso, se eles são tão amantes da bíblia, conhecem toda a bíblia, entende? Eu não sei”.

Também Gerson dos Santos, ex-coordenador da RCC em Porto Alegre, considera que a importância de Maria está na bíblia e neste sentido os pentecostais também deveriam aceitá-la, uma vez que ela foi escolhida entre todas as mulheres para ser a “Ave Maria cheia de graça (...) a Nossa Senhora, mãe de Jesus...”. (Entrevistado em 18/5/2012).

Igualmente, Gustavo Madalena Brum, atual coordenador do Ministério de formação da RCC da capital gaúcha, diz não entender como os pentecostais não cultivam a devoção a Maria uma vez que ela figura de maneira incontestável na bíblia. Diz ele (entrevista de 15/12/2011).

a escritura vai falar de nossa senhora do Gênesis ao apocalipse. Basta ter um olhar de um coração aberto de alguém que entenda isso, que esteja aberto a ver o que tá escrito nas sagradas escrituras. Estão bíblicamente comprovada a maternidade de Maria com seu filho Jesus.

Ainda sobre a marginalização de Maria entre os pentecostais Jorge Santana, então secretário-geral da RCC da Arquidiocese de Porto Alegre, disse, enfaticamente, (Entrevistado em 21/12/2011):

Eles (os pentecostais) estão enganados. Completamente enganados. É isso que eu vejo; os coitados nesse ponto nem sabem ler a bíblia. Tá ali na bíblia. E esse ponto nem lêem a bíblia porque a bíblia tá ali todo respeito, que é dado, a devoção que o católico tem de Maria, uma devoção filial, de respeito, daquela que foi a mãe de Jesus, que foi a obediente, e não foi nós que chamamos ela de cheia de graça, não foi nós. Tá na bíblia né.

Vale recordar que além da devoção Mariana, da obediência papal e da prática dos sacramentos, há outros pontos que marcam os dissensos entre a RCC e o pentecostalismo. Reginaldo Prandi assinala alguns deles: é diferente entre eles a concepção do dinheiro. Ele é central no pentecostalismo, alavancado pela Teologia da Prosperidade, e fica em segundo plano na Renovação; o discurso é direto, “popular”, no pentecostalismo e mais elaborado no meio carismático, obedecendo, assim, às distinções de classe; enfim, os fatos e eventos que atingem os indivíduos são analisados, na perspectiva pentecostal, a partir da ação do demônio, enquanto causa e razão fundamental dos mesmos; já na visão da RCC, embora o demônio também seja constantemente evocado, se salienta a noção de livre-arbítrio e de responsabilidade individual (PRANDI, 1997, p. 129-134). Este último ponto é controvertido. Carranza, por exemplo (2000, p. 188), sustenta que “a RCC coloca o demônio como sendo um elemento central a partir do qual é possível dar uma explicação das relações sociais conflitivas e dos fenômenos naturais”¹⁸.

Não é de se estranhar que diante de todas estas balizas demarcadoras da diferença construídas pela RCC, fosse marginalizada a idéia de abertura ecumênica em relação ao pentecostalismo-evangélico, que vigorou na fase fundacional da RCC (décadas de 1960 e 1970), como sustenta Carranza (2000)¹⁹. Ao contrário disso, com o passar do tempo prevaleceu a afirmação

¹⁸ De fato, Carranza (2000, p. 176-177) sustenta que a presença do demônio no imaginário da RCC é tao importante que “em nome do demonio a RCC cria seus adversarios no campo religioso, trazendo de volta velhas disputas contra o espiritismo e as religioes afro-brasileiras, e delimita fonteiras identitarias com o neopentecostalismo (especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus). Ao mesmo tempo, a RCC realiza uma cruzada contra o movimento religioso Nova Era, atribuindo-lhe poders demoníacos”.

¹⁹ Carranza (2009) propõe uma tipologia histórica da RCC, composta de três fases: a fundacional (anos 1960 e 1970, onde ocorre a estruturação do movimento; a social e cultural (anos 1980 e 1990), onde se dá a consolidação de um estilo de evangelização a partir da música, do lazer e da oração; a midiática (a partir dos anos 2000), com a implicação nos meios de comunicação.

da identidade católica e a delimitação de fronteiras em relação ao movimento evangélico pentecostal, procurando-se, assim, “evitar que a vivência dos dons do Espírito Santo resulte em identificação ou hibridismo com igrejas pentecostais...” (CARRANZA; MARIZ, 2009, p. 149).

Reitero, portanto, que a hierarquia da igreja - devido, em grande medida, às suas “orientações”, “questionamentos” e “sugestões” presentes nos documentos oficiais, bem como as ressalvas, críticas e iniciativas de “domesticação” ocorridas nas dioceses e paróquias - cumpriu um papel importante no retraimento da perspectiva ecumênica. Porém, as próprias mudanças ocorridas no interior do campo pentecostal, com o advento, a partir da década de 1970, do chamado neo-pentecostalismo, também pode ter contribuído para a retração ecumênica da RCC. É o que sustenta o então Coordenador Nacional da RCC, Marcos Volcan²⁰. Diz ele: “infelizmente, na nova onda pentecostal, extremamente proselitista dentro da América Latina, isso fez também nos fechar (...). E esse diálogo não foi tão promissor com esses novos grupos pentecostais que se instalaram no Brasil”.

Por tudo isto, a RCC parece ter se tornado, até certo ponto, como afirma Carranza, “um movimento apologético”²¹ (CARRANZA, 2000, p. 303), detentor de uma política exclusivista e distanciada da proposta inicial do ecumenismo. Neste sentido, é revelador que nenhum dos membros da RCC entrevistados em Porto Alegre afirmou ter participado de alguma atividade ecumênica com pentecostais. Também expressaram não terem conhecimento de que isto tenha ocorrido no contexto de relações sócio-religiosas em que estão inseridos. Isto tudo vem confirmar o sucesso do empreendimento da hierarquia católica na RCC no sentido tanto de produzir o “distanciamento

²⁰ Foi presidente da RCC Nacional até 2012 e eleito em 2015 vice-presidente da ICCRS (International Catholic Charismatic Renewal Services).

²¹ A apologia da RCC consiste na proclamação da “Igreja Católica como a única e verdadeira religião perante as religiões mediúnicas (espiritismo Kardecista, macumba, candomblé), os pentecostais e religiões esotéricas (Nova Era) que formam parte do campo religioso brasileiro” (CARRANZA, 2000, p. 303).

da "abertura ecumênica" que a RCC desejava adotar..." (CARRANZA, 2000, p. 35), quanto de assegurar-lhe a identidade católica. Isto significa também, como sustenta Sofiati (2011, p. 152), que apesar dos "problemas de relacionamento entre carismáticos e hierarquia católica", os primeiros se adaptaram "de forma exemplar à hierarquia católica", ao mesmo tempo em que conseguem "manter toda a radicalidade em sua proposta de evangelização..." (Id. Ibid., p. 142)²².

Do lado pentecostal, os entrevistados destacaram que malgrado o seu reconhecimento da existência de pontos de aproximações existentes entre eles e os carismáticos católicos, como vimos, as dissensões em relação ao carismatismo católico dizem respeito sobretudo à tolerância comportamental admitida em certas comunidades e grupos carismáticos que permitem o consumo de bebidas alcoólicas e do cigarro, bem como a fruição de outras práticas mundanas, como jogos, festas, danças etc²³.

Estes e outros elementos apontados pelos pentecostais estão a indicar que muitos deles também são portadores do princípio da não-diluição das fronteiras simbólicas e da não realização de práticas ecumênicas com os católicos carismáticos. Preferem atraí-los para as suas igrejas. Ou, como diz Reinaldo Reis, "alguns (dos pentecostais) querem ainda pescar no nosso aquário".

Também o Pe. Elias Wolff, (assessor da comissão episcopal para ecumenismo e o diálogo inter-religioso), em entrevista concedida a B. Carranza, considera que as igrejas neopentecostais brasileiras cultivam muito pouco o ecumenismo porque detem a "preocupação de conquistar espaços e conquistar pessoas. E isso faz com que a relação com outras igrejas, sobre-

²² Sofiati ainda sustenta, acertadamente, que um dos elementos que ajuda a entender essa realidade reside na adesão à RCC cada vez maior de sacerdotes, freiras e demais agentes da hierarquia católica (SOFIATI, 2011, p. 142).

²³ Sabe-se, porém, a RCC "mantém muitas restrições com relação ao mundo, principalmente no que tange às questões relacionadas ao corpo" (SOFIATI, 2011, p. 139).

tudo com a Igreja Católica, seja sempre no sentido de combate espiritual, de conquista de territórios”²⁴.

Neste ponto impõe-se uma observação. A ausência de diálogos e de relações ecumênicas não ocorre somente na relação entre pentecostais e RCC. Ela se dá também no interior do próprio campo evangélico, entre as diferentes igrejas históricas, pentecostais e neo-pentecostais. Nem mesmo o maior evento público evangélico que mobiliza milhões de fiéis, a “Marcha para Jesus”, consegue reunir membros de todas as denominações. Aqui no Brasil, por exemplo, a Igreja Deus é Amor não se faz presente nas marchas, e somente parcela da Assembléia de Deus e da Universal acorrem a elas. Também em nível regional, as grandes campanhas de evangelização, que geralmente contam com a presença de renomados pregadores convidados, nacionais ou estrangeiros, não conseguem juntar o conjunto das denominações que compõem o campo evangélico.

Portanto, a tendência que se observa no mundo pentecostal de “se esforça(re)m em definir fronteiras identitárias” (CARRANZA, 2000, p. 18) em relação à RCC, se inscreve na esteira do que vigora entre as próprias denominações evangélico-pentecostais, onde o compartilhamento de valores e crenças comuns não é o suficiente para romper e dissuadir as fronteiras institucionais, doutrinárias e simbólicas historicamente construídas entre elas.

Assim sendo, não é de se estranhar que mesmo nos últimos dez anos, como destaca o Pe. Elias Wolff, assessor da comissão episcopal para ecumenismo e o diálogo inter-religioso, a relação entre RCC e pentecostalismo tem sido “de disputa por espaço (...), mais de desencontro do que encontro entre essas duas expressões da espiritualidade da mística cristã”.

Esta é, portanto, uma tendência que vigora na relação entre RCC e pentecostais: a do distanciamento e da edificação de fronteiras, ao lado da outra, acima apontada, que quer romper as barreiras e produzir elementos de convergência entre os grupos religiosos.

²⁴ Porém, ressalva este informante que trata-se do pentecostalismo brasileiro que assim opera porque, segundo ele, o pentecostalismo europeu e norte-americano é menos beligerante e mais afeito ao ecumenismo.

CONVERGÊNCIAS PELA LINGUAGEM E O MERCADO DA MÚSICA

Outro elemento de convergência que estabelece comunicação entre as duas expressões religiosas em pauta é o uso ritual da música, música esta que foi convertida em rama de consumo das mais rentáveis no mercado fonográfico atualmente²⁵. Poderíamos falar de uma dupla ruptura nessa situação. A primeira delas, mais antiga e de dentro para fora do campo religioso, diz respeito à abertura dos repertórios das igrejas cristãs a músicas de fora das listas de músicas autorizadas pela instituição, os chamados “hinários” ou livros de canto (NAVARRO, 1999). Isso gerou um aquecimento de mercado interno de circulação de músicas entre as instituições, estimulando o surgimento de grupos, cantores e gravadoras nos dois terrenos. A segunda delas, mais recente e de fora para dentro do campo religioso, deu-se com o ingresso de gravadoras seculares no comércio de música religiosa, por vezes estimulado mais por disputas entre conglomerados midiáticos que por questões propriamente religiosas (ROSAS, 2013).

O protagonismo dessas duas aberturas foi dos grupos pentecostais, no impulso dos princípios de “abertura ao mundo”, da terceira onda pentecostal. Dentro desta abertura, utilizaram-se das mídias impressa, radiofônica, televisionada e eletrônica, com a construção de verdadeiras corporações de comunicação de massa em torno a igrejas (caso da Line Records, da IURD, ou da Gospel Records, ligada à Renascer em Cristo, que encerrou suas atividades em 2010) ou não (caso do Grupo MK Comunicações, ver De Paula, 2012). Na década de 2000, produções musicais de bandas e cantores gospel proliferaram numa proporção que não foi ignorada pelas gravadoras

²⁵ Como exemplo disso, podemos mencionar que, na lista dos maiores arrecadadores por execução musical no meio radiofônico em 2015, segundo o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição de direitos autorais (ECAD), figura o artista da MK Music Anderson Freire figura em segundo lugar, a frente de Roberto Carlos (3º Lugar) e outros tantos nomes da música popular.

seculares, como vimos. A banda “Diante do Trono”, liderado pela cantora Ana Paula Valadão, tornou-se o caso emblemático desse processo.

Mesmo com a entrada dos católicos, especialmente dos carismáticos, nesse mesmo contexto do mercado fonográfico, algumas diferenças se mantêm. A insistência católica pela “voz autorizada” faz do cantor uma espécie de porta-voz da instituição para fora dela. Por isso, a própria lógica do campo católico induziu a projeção nacional dos chamados “padres-cantores” a partir da década de 1990 (inicialmente Marcelo Rossi, hoje Fábio de Melo, Marcelo Manzotti, entre outros), que até hoje se constituem como a principal modalidade de música católica destinada à venda em massa no Brasil. Na paralela desse processo, desenvolveram-se as partes comerciais de comunidades religiosas como a Canção Nova, que instaurou um processo de marcação do consumo católico, contando inclusive com estratégia de venda da marca para além do varejo, como o “porta-a-porta” (SILVEIRA, 2013).

Ainda que se possa identificar a incorporação de uma lógica de produção industrial de massa por artistas religiosos, católicos e pentecostais absorvem essa lógica de formas diferentes. Isso não impede que os ouvintes pertencentes a um segmento não ouçam e apreciem artistas do outro. Os pontos que mencionamos nessas breves considerações sobre o mercado da música religiosa, portanto, põem em cheque tanto uma visão segmentada do campo religioso, quanto outra, que antepõe lógicas de mercado e religião em campos estanques. Em um caso como em outro, parece haver uma porosidade que certamente merece a atenção dos pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos mostrar, neste artigo, que existem duas tendências – entre outras – que transitam mais ou menos juntas acerca da relação entre RCC e pentecostalismo, entendidas estas denominações em seu sentido amplo: uma de delimitação de fronteiras simbólicas e de afirmação de identidades institucionais, e outra de aproximação institucional, dissuasão das fronteiras simbólicas e de realização de práticas ecumênicas. Parece-nos que

é esta ambivalência que tem conduzido analistas, fiéis e líderes religiosos, a sustentarem idéias antagônicas acerca da RCC, colocando-a, segundo uns, como um movimento católico de fortalecimento da diferença e da oposição frente ao pentecostalismo, mesmo que se apropriando ou usando “as suas próprias armas” (RUMSTAIN; ALMEIDA, 2009), e, segundo outros, como a parcela católica capaz de aproximar católicos e pentecostais (ORO; ALVES, 2013).

Ambas as tendências coexistem em relação mais ou menos tensional segundo os grupos religiosos, carismáticos e pentecostais. Assim, embora, como sustenta Carranza (2009, p. 44), o viés ecumênico da RCC tenha diminuído grandemente após a sua fase fundacional (anos 1960 e 1970), ele parece ainda vigorar no seu interior, produzindo o interesse pelo diálogo e aproximação com os evangélicos, em nome de uma mesma matriz religiosa cristã e do compartilhamento dos dons do Espírito Santo.

Portanto, se, como sustenta Benedetti (2009, p. 27), as instâncias eclesiais católicas têm dificuldade “em dialogar com o neopentecostalismo”, a RCC poderia constituir a franja católica capaz de realizar este intento, ao menos parcialmente. É o que afirma abertamente o renomado cantor gospel e profundo conhecedor do campo cristão nacional e internacional Asaph Borba. Sustenta ele que o ecumenismo ocorre nos dias atuais “mais entre carismáticos católicos e evangélicos neopentecostais (...). Mais entre os carismáticos (...). Dificilmente um católico aceita os evangélicos com autenticidade, mas os carismáticos sim”²⁶.

Assim sendo, como sustentam vários analistas, apesar da afirmação constante da sua identidade católica e do seu “esforço em demarcar as diferenças com os pentecostais, a RCC se situa(ria) na fronteira entre católicos e evangélicos” (SOFIATI, 2011, p. 138. Também AUBREE, 1984; MACHADO, 1996; SOFIATTI, 2011). Quem sabe ela não está se constituindo, ou poderá vir a se constituir, na ponte que aproxima e faz a ligação entre o catolicismo e o

²⁶ Conforme entrevista que nos concedeu em 24/11/2011.

pentecostalismo. Afirmamos isto porque, como alertou Benedetti (2009, p. 26), estamos vivendo “no calor da hora” das mudanças e transformações e, nestas circunstâncias, como diria Geertz (2001, p. 150), dificilmente temos condições de bem avaliar o que está se movendo “sob nossos pés”. Porém, o mais trágico seria, como diz o antropólogo norte-americano, “estarmos vivendo em meio a esse evento sísmico e nem sequer saber que ele está acontecendo” (Id. Ibid., p. 165).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de; RUMSTAIN, Ariana. Os católicos no trânsito religioso. In: Teixeira, F. e Menezes, R. (Org). *Catolicismo plural*. Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, Ed. Vozes, 2009, p. 31-55.

ALVES, Daniel. *Conectados pelo Espírito*: redes pessoais de líderes pentecostais e carismáticos ao Sul da América Latina. Tese de doutorado em Antropologia Social, PPGAS/UFRGS, 2011.

ALVES, Daniel; ORO, Ari Pedro. O pentecostalismo globalizado das pequenas e médias igrejas: contribuição ao estudo de redes religiosas transnacionais. In: ORO, A. P; RICCLI, J.; STEIL, C. A. *Transnacionalização religiosa*. São Paulo, Terceiro Nome, 2012.

AUBREE, Marion. Tempo, história e nação – o curto-circuito dos pentecostais. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 17, 1996, p. 77-78.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Templo, praça, coração*: a articulação do campo religioso católico. São Paulo, Publicações do FFLCH/USP-CER, 2000.

BENEDETTI, Luiz Roberto. Novos rumos do catolicismo. In: CARRANZA; B. MARIZ; C. e CAMURÇA, M. *Novas comunidades Católicas*. Aparecida, Idéias & Letras, 2009, p. 17-32.

CARRANZA, Brenda. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA; B. MARIZ, C; CAMURÇA, M. *Novas comunidades Católicas*. Aparecida, Idéias & Letras, 2009, p. 33-58.

CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecilia L. Novas comunidades católicas: por que crescem?. In: CARRANZA, B. MARIZ, C. e CAMURÇA, M. *Novas comunidades Católicas*. Aparecida, Idéias & Letras, 2009, p. 139-170.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida, Editora Santuário, 2000.

CNBB. *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo, Paulus, Documentos da CNBB. n. 53, 1994.

_____. *Guia Ecumênico*. São Paulo, Paulus Ed., Estudos da CNBB. n. 21, 3. ed., 2003.

CSORDAS, Thomas. Global Religion and the reenchantment of the world: the case of the Catholic Charismatic Renewal. In: CSORDAS, Thomas (Org.). *Transnational transcendence*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2009, p. 73-95.

_____. *Language, charisma and creativity: ritual life in the Catholic charismatic Renewal*. New York, Palgrave, 2001.

DE PAULA, Robson Rodrigues. O mercado da música gospel no Brasil: aspectos organizacionais e estruturais. *Revista ABEU*, v. 5, n. 9, p. 141-157, 2012.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: VALLE, R.; SARTI, I. (Ed.). *Nem Anjos Nem Demônios*. Vozes, Petrópolis, 1994, p. 67-162.

GABRIEL, Eduardo. *Catolicismo carismático brasileiro em Portugal*. Dissertação (Doutorado em Sociologia)—FFLCH/USP, São Paulo, 2010.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

MAÇANEIRO, Marcial. *Encontro de Irmãos Evangélicos e Católicos de Lavrinhas*. Lavrinhas: Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso, CNBB, 2008.

MACHADO, Maria das Dores. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, Autores Associados e Anpocs, 1996.

MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília; MACHADO, Maria das Dores. Sincretismo e trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. In: *Comunicações do ISEER*, n. 45, 1994, p. 24-34.

MARIZ, Cecília. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, São Paulo, 2005, p. 253-273.

NAVARRO, Carlos Gama. Del Himnario a la Industria de la Alabanza. Un Estudio sobre la Transformación de la Música Religiosa. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 63-85, 2000.

ORO, Ari Pedro. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.

_____. Reciben lo que veniran a buscar. Nação e Poder num encontro evangélico internacional, em Buenos Aires. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, 2010, p. 32-52.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação carismática católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? *Religião e Sociedade*. v. 33, 2013, p. 122-144.

PIERUCCI, Antônio Flávio e PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito*. São Paulo, Edusp, FAPES, 1997.

ROSAS, Nina. Religião, mídia e produção fonográfica: o Diante do Trono e as disputas com a Igreja Universal. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 167-194, 2013.

REIS, Reinaldo. A Renovação Carismática Católica no Brasil. In: *Revista Brasil Cristão*, maio 2010, p. 29.

SENA, Emerson José Sena da. Quando o Espírito está nas coisas: produtos de evangelização da Comunidade Canção Nova. Trabalho apresentado nas *XVII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, Porto Alegre, UFRGS, 2013.

SOFIATI, Flavio Munhoz. *Religião e juventude: os novos carismáticos*. Aparecida, Ideias & Letras, 2011.

STEIL, Carlos Alberto. Aparições marianas contemporâneas e carismatismo católico. In: P. SANCHIS (Org.). *Fiéis & Cidadãos*. Percursos de Sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001, p. 117-146.

STEIL, C. A.; MARIZ, C. L.; REESINK, M. L. (Org.). *Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre. Ed. UFRGS, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo?. *Religião e Sociedade*, v. 24, n. 1, out. 2004, p. 11-36.

TEIXEIRA, Faustino. As CEBs como criação evangelizadora. In: PAIVA, V. (Org.). *Catolicismo, educação e ciência*, São Paulo, Loyola, 1991, p. 227-235.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). *Catolicismo plural*. Dinâmicas contemporâneas. Petrópolis, Ed. Vozes, 2009, p. 17-30.

WYNARCZK, Hilário. Carlos Annacondia: un estudio de caso en neopentecostalismo. In: FRIGERIO, A (Org.). *Nuevos Movimientos Religiosos y Ciencias Sociales*, v. 2, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 2003, p. 80-97.

_____. *Ciudadanos de dos mundos*. El movimiento evangélico en la vida pública argentina 1980-2001. Buenos Aires, UNSAM 2009.

Recebido em: 03/08/2016

Aceito em: 05/09/2016